A mudança que é possivel na vida

Henry Drummond

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

A mudança que é possivel na vida

Henry Drummond

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

A MUDANÇA QUE É POSSIVEL NA VIDA

TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA
RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48
LISBOA

EDITOR: HODDER AND STOUGHTON

A MUDANÇA QUE É POSSIVEL NA VIDA

Alocução do eminente escritor escocês HENRY DRUMMOND

Traduzido da 12.ma edição inglesa

POR M. G.

1916

"_Assim nós todos,
reflectindo como um espelho
a gloria do Senhor,
somos transformados na mesma Imagem,
de claridade em claridade,
como pelo Espirito do Senhor._"

PREFÁCIO

_No outono passado encontrou o autor numa livraria da California

um livrinho com o seu nome no frontispicio—livro que êle não sabia que existia, que não escrevera, nem adornara com o titulo que o encimava. Não repele porêm essa erradía publicação, extraída de apontamentos de uma alocução sua que alguem lhe ouviu e antes lhe parece ter já feito algum bem; mas devido ás imperfeições que lhe encontrou, julgou acertado fazer dela uma edição mais completa. O tema, como os outros que o precedem nesta série de alocuções, representa sómente um aspecto do vasto assunto—aquêle que é aplicável ao homem. O claro-escuro é, naturalmente, adequado a esta concepção. E pedimos á benévola atenção do leitor para se manter dentro dêstes limites, afim de não estranhar o ficarem no escuro alguns pontos que a teologia, sempre, e por direita razão, nos ensinou a fazer sobresaír._

Uma simples prédica, que um amigo nosso dirigiu a alguns modestos habitantes duma região montanhesa, que costumamos frequentar, foi que primeiramente chamou a nossa atenção para o lado prático desta solução do problema mais importante que existe na tentativa da vida cristã.

O que se segue, é em grande parte devido á manhã daquêle Domingo.

A mudança que é possivel na vida

«Digo alto e bom som, que se houvesse algum grande Poder, que conseguisse fazer-me pensar sempre o que é verdadeiro, e fazer o que é direito, com a condição de eu me tornar numa espécie de relógio a que se desse corda todas as manhãs, aceitaria imediatamente êsse oferecimento»

São de Huxley estas palavras. A infinita aspiração e a infinita

dificuldade de se ser bom é um assunto tão antigo como a própria humanidade. Não ha ninguem de cujo sentir íntimo não tenha brotado esta confissão, e que não estivesse pronto a dar a sua vida, se lhe fosse possivel «aceitar o oferecimento» de se tornar melhor.

Vou eu propôr fazer-vos êsse oferecimento. Muito a sério, sem vos tornardes numa espécie de relógio, podeis vir a consegui-lo; pois debaixo das condições devidas é tão natural ao caráter tornar-se belo, como o é á flôr. E se não houver nêste mundo mecanismo algum que o realize, é porque ficou esquecida a dadiva suprêma, que o mundo poderia receber. Foi para isto simplesmente que o homem foi criado. Browning diz: «o homem foi feito para progredir, e não para parar» Ou nas palavras dum livro mais antigo: «_Aquelle a quem Elle primeiro conheceo, tambem predestinou para ser conformado com a Imagem de Seu Filho._»

Começarei nomeando e em parte regeitando alguns processos que se costumam empregar para obter vida mais elevada.

Estes processos estão longe de serem errados, e aplicados devidamente, podem mesmo ter bastante valor; e se nos aventuramos a depreciá-los, é por não produzirem um resultado absolutamente perfeito.

O primeiro método imperfeito é contar-se com a própria Resolução. Só na fôrça de vontade, e em periodos isolados de recolhimento espiritual, não é que está a salvação. O esfôrço, a luta, mesmo a agonia, teem o seu logar no Cristianismo, mas são aqui descabidos. Aconteceu no outro dia ficar parado no meio do Oceano o «Etruria» a bordo do qual eu viajava: tinha-se desarranjado qualquer coisa nas máquinas. Havia a bordo uns quinhentos homens válidos; julgais que

se nos reunissemos todos e nos puzessemos a empurrar o mastro, impeliriamos o navio para diante? Quando qualquer de nós tenta santificar-se pelo próprio esfôrço, é o mesmo que procurar fazer andar o seu navio, empurrando o mastro com toda a fôrça. Seria como se alguem, que estivesse prestes a submergir-se, diligenciasse erguer-se para fóra da agua, agarrando pelos próprios cabelos. Jesus Cristo como que ridicularizou êste meio, dizendo: «_qual de vós pode acrescentar um covado sequer á sua estatura?_» A única redenção que ha no método de confiar no próprio esfôrço é que, os que o tentam, ficam para logo convencidos de que por esse modo nunca chegarão a atingir o seu alvo.

Mas ha quem tente outra experiência e diga: «não é êste o meio de que eu uso. Trabalho debaixo dum princípio, por ver que é loucura combater nas trevas. O meu plano não é desperdiçar a energia em tentativas de acaso, mas tão sómente concentrà-la na destruição dum único pecado. Tomando cada pecado por sua vez, e destruindo-o com tenacidade, espero chegar por fim a extirpà-los a todos.» Contra isto ha infelizmente quatro objecções. A primeira é que a vida é curta, e o número dos pecados infinito. Depois ocuparmo-nos de pecados isolados, é não querermos prescrutar o resto da nossa natureza. Em terceiro logar, o combate com um único pecado não afecta a raiz e a origem do mal; pois se fôr obstruído apenas um dos canais do pecado, aponta-nos a experiência uma inundação quasi certa por outro lado. A conversão parcial é quasi sempre acompanhada dum certo escoamento moral, porque a energia acumulada acaba por rebentar; e êste último estado da alma pode ser pior do que o primeiro. E depois a religião não consiste em fazer deter êste ou aquêle pecado; o caráter perfeito nunca poderá ser obtido por meio de _córtes_.

Ha tambem quem proclame: «Se assim é, não tentarei aniquilar os pecados um por um, praticarei exactamente o contrário: copiarei as virtudes uma por uma.» A dificuldade dêste método consiste em êle poder tornar-se mecânico; distingue-se sempre uma gravura duma pintura, uma flôr artificial duma flôr natural. Copiar as virtudes uma por uma é aproximadamente o mesmo que arrancar os vícios um por um; e o resultado é quasi sempre um caráter agitado e incongruente. Definiu alguem a pessoa vaidosa e ensoberbecida por «uma criatura que está nutrida demais para o seu tamanho». Encontram-se ás vezes Cristãos desta ordem—por um lado nutridos demais, e por o outro, miseravelmente definhados e enfraquecidos. Por exemplo, o resultado de se copiar Humildade e associà-la a uma vida de teor acentuadamente mundano, é simplesmente ridículo. Um exaltado advogado da Temperança é muitas vezes a mais ínfima das criaturas, brilhando unicamente por essa virtude e esquecendo-se totalmente de que a sua Temperança o torna pior e não melhor do que os outros. Isto são exemplos de belas virtudes, deturpadas por as associarem a vis companheiros. O caráter é uma unidade, e todas as virtudes teem de caminhar juntas para poderem formar o homem perfeito. E não obstante é êste método de santificação verdadeiro no fim a que aspira, no que é deficiente é na maneira de o executar.

Ha ainda um quarto método, que nem mesmo seria preciso nomear, pois é uma variante dos outros já mencionados. É aquêle de que se serve o adolescente, e a sua pureza de intenção faz-nos considerar quasi como uma profanação o ir tocar-lhe. É manter um livro de apontamentos para todos os dias da semana, com uma lista de virtudes, deixando entre elas espaço para se fazerem quaisquer observações. Provido de muitas regras austéras, em guisa de prefácio,

conserva-se o livrinho em logar secreto, e de tempos a tempos, ao declinar do dia, vem a alma comparecer perante êle, como perante um tribunal secreto. Este viver por um código foi o método de Franklin; e creio que milhares de pessoas nos poderiam confessar que conservam penduradas no seu quarto, ou guardadas em gavetas bem seguras as regras que num dia memorável traçaram, para por elas modelarem a sua vida. Este método não é erróneo, o seu êxito é que é muito deficiente; falha geralmente por uma razão bem material—por um belo dia nos esquecermos das regras.

Todos êstes métodos de que fiz menção, o de confiar no próprio esfôrço, o de mortificar o próprio ser, o método de imitação e o do livro de apontamentos, são absolutamente humanos, absolutamente naturais, mas tambem absolutamente ignorantes e por isso mesmo absolutamente inadequados. Mas não quero dizer com isto que se devam abandonar. O mal que êles causam é antes desviar a atenção do verdadeiro método eficaz, e procurar obter um bom resultado á custa daquêle que é realmente perfeito e de passamos a tratar.

A fórmula da Santificação

Fórmula, receita, para a Santificação—poder-se ha falar a sério desta mudança formidável, como se o processo fosse tão claro e preciso como o de produzir uma certa e determinada corrente de electricidade? É impossivel duvidà-lo. Ou ha de uma experiência mecânica ter infalivelmente bom êxito, e ser de êxito duvidoso uma experiência vital da humanidade? Ha de o trigo crescer debaixo de método, e o caráter ao acaso? Se não pudermos calcular com segurança que as fôrças da religião hão de fazer a sua obra, é que a religião é um capricho; e se não pudermos exprimir por meio de

palavras a lei destas fôrças, então não é o Cristianismo a religião do mundo, mas sim o seu enigma.

Mas onde se ha de ir buscar essa fórmula? Onde se vai buscar qualquer fórmula—aos tratados. Se nos voltarmos para os tratados do Cristianismo, acharêmos para êste problema uma fórmula tão clara e precisa, como as que se aplicam ás sciências mecânicas; e podemos ter a certeza de que, se esta regra fôr seguida corajosamente, dará o resultado dum caráter perfeito, exactamente como qualquer resultado, que fôr garantido pelas leis da natureza. A mais bella expressão desta regra na Escritura, ou ainda em qualquer literatura, é a que S. Paulo nos dá, condensada num único verso. Encontrà-la heis numa epístola sua—a segunda aos Coríntios, escrita por êle a alguns Cristãos que, numa cidade, que era considerada como o cúmulo da depravação e licenciosidade, procuravam vida mais elevada. É esta: «_Nós todos, com a face descoberta, reflectindo como um espelho a gloria do Senhor, somos transformados na mesma Imagem, de claridade em claridade, como pelo Espírito do Senhor._»

Observai logo no começo o desmoronamento de todos os nossos esfórços prévios pelo emprêgo do simples passivo _somos transformados_. Somos transformados, não somos nós que nos transformamos, nem ha ninguem que se possa transformar a si mesmo. Por todo o Novo Testamento achareis que sempre que são descritas estas transformações morais e espirituais estão os verbos na passiva. Devemos observar que ha nisto um alcance profundo; mas a pesar disso não punhamos violentamente de parte estas palavras, como se a passividade negasse todo o esfôrço humano, ou não quizesse admitir leis que são compreensíveis. O que aqui diz respeito á alma, não é mais do que aquilo que em toda a parte se exige para o

corpo. Em fisiologia estão na passiva os verbos que descrevem os processos do crescimento; porque o crescimento não é voluntário: tem logar, sucede, está fixo á matéria. Dá-se o mesmo aqui. «_Tendes de ser gerados de novo,_» não podemos gerar-nos a nós mesmos. «_Não sejais conformados com este mundo, mas sede transformados_,»—somos sujeitos a uma influência que nos transforma, não somos nós que nos transformamos. É tão certo haver uma coisa fóra do termómetro, que produz a mudança no termómetro, como haver alguma coisa fóra da alma do homem que produz a mudança que nêle se opéra. É fóra de duvida que êle tem de ser suscetível a essa mudança e que tem de a acompanhar, mas é igualmente certo, que nem as suas faculdades, nem a sua vontade, a podem produzir. Evidente como isto deveria parecer, talvez que para muitos seja uma revelação inesperada! A mudança, que nos temos esforçado por alcançar, não a podemos produzir continuando a procurà-la; tem de nos ser imposta por mãos superiores ás nossas. Assim como o ramo se ergue, como o botão se entreabre, como o fruto se avermelha sob as influências do ar que de fóra os bafeja, assim o homem se ergue a mais elevada estatura pelas pressões invisíveis que lhe veem do exterior. O defeito radical de todos os nossos anteriores métodos de santificação foi o tentarmos gerar da parte de dentro aquilo que só nos pode ser impôsto por influências vindas de fóra. Segundo a primeira lei do movimento: cada corpo continúa no seu estado de repoiso ou de movimento em linha recta, excepto quando é compelido por «fôrças determinantes» a mudar êsse estado. Esta é tambem a primeira lei do Cristianismo: cada caráter humano fica como é, ou continúa na direcção em que está indo, até que é compelido por «fôrças determinantes» a mudar êsse estado. O

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com